

DA FILOSOFIA APLICADA À FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE PROFESSORES EM PORTUGAL¹

FROM PHILOSOPHICAL PRACTICE TO TRAINING AND PROFESSIONAL
DEVELOPMENT IN PORTUGAL

ROSA FERNANDES OLIVEIRA

Gabinete PROJECT@ - Consultoria Filosófica, Quarteira, Portugal
rosafernandesoliveira@gmail.com

RECIBIDO: 15 DE DICIEMBRE DE 2014

ACEPTADO: 14 DE NOVIEMBRE DE 2015

Resumo: Este artigo caracteriza o movimento da Consultoria Filosófica em Portugal. Identifica Jorge Humberto Dias como fundador do movimento, analisando a sua conceção de consulta filosófica. Sugere uma linha orientadora para uma investigação futura que nos permita conceber, a partir da Filosofia Aplicada, nos métodos e nas competências, na Orientação Filosófica, um programa de formação e desenvolvimento profissional para professores.

Palavras-Chave: Orientação Filosófica em Portugal, Jorge Humberto Dias, orientador filosófico, competência filosófica, método PROJECT@.

Abstract: This paper characterizes the movement of Philosophical Counseling in Portugal. Identifies Jorge Humberto Dias as the founder of the movement, analyzing its conception of philosophical consultation. Suggests a guideline for a future research that allows us to design, from the Applied Philosophy, in the methods and skills, in Philosophical Orientation, a program to teachers training and professional development.

¹ Este texto insere-se num projeto de investigação pessoal iniciado com a frequência do Nível I do Programa Individual de Formação e Certificação em Consultoria Filosófica - PIFEC na modalidade *e-learning* em março de 2012, ministrado por Jorge Humberto Dias, PhD, Diretor do Gabinete PROJECT@ - Consultoria Filosófica, Quarteira, Portugal. Podemos encontrar informação relativa ao Programa PIFEC na página web do Gabinete, a saber: <http://gabinete-project.blogspot.pt/> (último acesso em março de 2014). O presente texto fará parte do nosso livro sobre História da Filosofia Aplicada em Portugal, na especificidade da sua aplicação à pessoa em consulta, em preparação.

Keywords: Philosophical Counseling in Portugal, Jorge Humberto Dias, philosophical counselor, philosophical skill, method PROJECT@

Introdução

A pertinência da nossa investigação radica em dois vetores. O primeiro respeita à não existência de um texto que sintetize as ideias, os factos e os pressupostos da Consultoria Filosófica em Portugal e possa contribuir, filosoficamente, para a problematização epistemológica deste subdomínio no nosso país.

Em Portugal a Filosofia Aplicada emergiu em 2004, como projeto sólido e transdisciplinar, na consciência da importância significativa, da Filosofia, como um todo, para a vida pessoal e institucional, estruturado numa organização profissional associativa² que no momento atual mais se identifica com o

² A primeira associação portuguesa de Filosofia Aplicada nasceu em 2004: Associação Portuguesa de Aconselhamento Ético e Filosófico (APAEF). Os primeiros anos de atividade desta associação foram de grande ambição e fulgor, concretizados em vários cursos de formação pelo país e quatro congressos que trouxeram a Portugal profissionais e investigadores internacionais da área, para o debate aberto e crítico sobre o estatuto epistemológico da Filosofia Aplicada: o primeiro na Universidade Nova de Lisboa, em 2005, onde estiveram presentes como oradores José Barrientos Rastrojo e Gabriel Arnaiz (Universidade de Sevilla), Rayda Guzman (Universidade de Barcelona), Oscar Brenifier (Institute de Pratiques Philosophiques); o segundo decorreu na Universidade da Beira Interior e foi dedicado à Filosofia para Crianças; o terceiro decorreu na Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Católica do Porto, onde esteve Lou Marinoff (City College of New York) e o quarto, realizou-se em Faro e, do estrangeiro, estiveram presentes, por exemplo, José Olímpio (Universidade Estadual do Maranhão) e Lara Ferraz (Universidade Católica de Petrópolis). Nos primeiros quatro anos de existência, a APAEF estabeleceu parcerias com várias instituições portuguesas, a saber: Instituto Piaget, Centro de Formação de Professores de Faro e Vila Galé Hóteis; foi patrocinada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), pela empresa Delta Cafés e, por um dos maiores grupos empresariais portugueses: SONAE, Modelo – Continente; foi apoiada pela Universidade Nova de Lisboa, pela Universidade da Beira Interior, pelo Instituto Português da Juventude, pela Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Católica do Porto, pela Comissão nacional da UNESCO, pela Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, pela Editora Dinalivro, Editora Ésquilo, Editora Porto Editora, entre outros. As atas destes congressos realizados em Portugal estão publicadas

silêncio inoperante do que com o fulgor dos pioneiros. Este vetor traduz a nossa vontade para construir um caminho de aprofundamento teórico enquadrado, academicamente, do qual este artigo representa uma primeira aproximação.

O segundo vetor assera o reconhecimento da prática filosófica de Jorge Humberto Dias e, do mesmo modo, as múltiplas possibilidades da filosofia aplicada aos problemas e necessidades filosóficas da sociedade atual:

La aplicación de la Filosofía puede ser hecha en los más variados contextos: espacios sociales, sistema educativo, gestión empresarial, animación cultural, formación profesional, intervención comunitaria, administración política, liderato deportivo y tantos otros³.

O artigo compõe-se por uma secção única, dividido em duas sub-secções. Nesta secção: *Orientação Filosófica em Portugal* começamos por caracterizar o movimento no nosso país. Na primeira sub-secção: *Prática Filosófica profissional segundo Jorge Humberto Dias*, analisamos a conceção de consulta do filósofo e, em seguida: *Desvios à Filosofia como matriz fundante na Orientação Filosófica* discutimos os contributos que em nosso entender, são relevantes na área, porém incertos quanto a assentar na Filosofia o âmago da consulta. Em *Considerações Finais*, apresentamos as linhas orientadoras para uma investigação futura que possa definir um programa de formação profissional, a partir da Filosofia Aplicada, para professores do ensino básico e secundário, mostrando que traduzir competências filosóficas num programa educacional para professores significará, necessariamente, a legitimação da Orientação Filosófica como pedra basilar da pedagogia, num mundo pluridimensional, onde as

pela APAEF sob organização de Jorge Dias.

³ DIAS, Jorge Humberto: “La Consulta Filosófica Según Jorge Dias”, en RASTROJO BARRIENTOS, José e DIAS, Jorge Humberto: *Idea y Proyecto. La arquitectura de la vida*, Vision Libros, Madrid, 2010, p. 239

categorias clássicas de objetividade e generalidade perdem atenção de resposta.

Orientação Filosófica em Portugal

Nesta secção começamos por definir os conceitos de Filosofia Aplicada e Orientação Filosófica, segundo Jorge Humberto Dias, patriarca do movimento de Filosofia Aplicada em Portugal. Em seguida, apresentamos a sua conceção de consulta filosófica. Por fim, analisamos os contributos de autores portugueses que se nos afiguram como desviantes quanto à fundamentação da teoria e, da metodologia, da Orientação Filosófica na própria Filosofia.

Prática Filosófica profissional segundo Jorge Humberto Dias

A Filosofia Aplicada é a utilização do *corpus* teórico da história da filosofia para empreender projetos de âmbito social e pessoal⁴.

A consultoria filosófica, por sua vez, é uma valência da filosofia aplicada que se constitui para trabalhar a “compreensão na vida das pessoas com o objetivo de dissolver os seus problemas e/ou conflitos (...) todo o trabalho filosófico realizado na consulta baseia-se na exploração racional do pensamento consciente, sobre a perspetiva e/ou sobre a vida do consultante⁵”

Para Dias a Orientação Filosófica tem um objeto: o problema do consultante. E, um meio, o caminho através do qual se procura compreender, racionalmente, em níveis de aproximação, por via do uso de determinadas técnicas e operacionalização de competências

⁴ DIAS, Jorge Humberto: *O contributo de Julián Márias para uma teoria da filosofia aplicada à questão da felicidade*, tese de doutoramento, Faculdade Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2013, p. 299, no prelo

⁵ Idem

a “filosofia de vida” do cliente: um método. E, uma finalidade: a felicidade do cliente. Dias concebe um processo de fundamentação teórico da Orientação Filosófica, principalmente, na sua dimensão metodológica, baseada no estudo qualitativo, sistemático e crítico da obra de Julián Marías. Explora a filosofia de Julián Marías na consideração de um paradigma “raciofelicitário” personalista que na sua visão é adequado tanto para a fundamentação teórica da Orientação Filosófica, como para o método que orienta o trabalho do consultor e visa alcançar o principal objetivo da vida pessoal: a felicidade. Sublinha:

A prática filosófica profissional não é uma atividade subjetiva e caótica, realizada arbitrariamente e sem referências. Para que seja possível aplicar a filosofia a uma determinada situação, é necessário um método que permita ao consultor desenvolvimento sistematizado das técnicas/estratégias e dos recursos necessários para o alcance dos objetivos definidos⁶

Segundo Dias a maioria dos consultantes não evidencia preocupações epistemológicas ou metafísicas, mas antes preocupações que remetem à sua dimensão axiológica, pelo que, as técnicas lógicas do orientador filosófico não são um fim em si, mas instrumentos ao serviço da projeção da felicidade do consultante. Serve ao trabalho do orientador, a imagem kantiana do imperativo hipotético, pois que, trabalha com uma pessoa livre e autónoma. Este facto implica que o orientador trabalhe no sentido da felicidade do cliente de modo correto, quer dizer: ética e moralmente adequado⁷. Portanto, o objetivo da prática filosófica em consulta consiste na melhoria da situação inicial do cliente, pautado por uma lógica da complexidade que supera, por exemplo,

⁶ Ibidem

⁷ DIAS, Jorge: “La Felicidad como Objetivo de la Filosofía Aplicada a la Persona”, en BARRIENTOS, José: *Seminario Luso-español de Filosofía Aplicada a la Persona y a Grupos*, Edicions DOSS, Sevilla, 2008

a rigidez estática e a previsibilidade da ciência psicológica no entendimento do problema do cliente.

El asesoramiento filosófico surge como un servicio profesional que ayuda al consultante a: a) construir su “casa filosófica”, si aún no la tiene; b) si y la tiene, hacer su manutención y limpieza; c) cambiar de casa filosófica, por las más variadas razones⁸

Em Dias, o sujeito epistémico é um ser autónomo capaz de se reconstruir e reintegrar pela sua própria ação pensante, definindo e participando, efetivamente, no projeto da sua própria vida num contexto pessoal e social. E, por isso mesmo é, simultaneamente, um sujeito ontológico. O processo metodológico é uma trajetória de emancipação racional que dispõe a pessoa a apossar-se duma competência projetante, (des)envolvendo(-se) (em) projetos existenciais cuja concretização traduz a vivência de felicidade pessoal. Pelo que, a um tempo, a pessoa constrói-se a si mesma na concretização dos seus projetos que são o seu modo de ser. Neste sentido, o orientador filosófico presta um serviço individual, personalizado e inédito:

Cada proceso de Asesoramiento Filosófico constituye un sistema individual y personalizado que no puede, ser comparable, sustituible (por el de otros sujetos) o transmisible. Por encima del carácter instrumental, el asesoramiento filosófico pretende ofrecer al consultante un trabajo original de producción filosófica, como si la consulta fuera una auténtica obra de arte, motivada por la libertad individual que, con la utilización de metodologías propias de la disciplina, contribuye para la autonomía y para la felicidad del consultante. Si la consulta sólo tuviera un carácter instrumental, no tendría sentido pagar por un servicio que tuviera como finalidad un determinado objeto exterior, tanto al consultante como al proceso filosófico, el qual le es inherente

⁸ DIAS, Jorge Humberto: “La Consulta Filosófica Según Jorge Dias”, en RASTROJO BARRIENTOS, José e DIAS, Jorge Humberto: *Idea y Proyecto. LA ARQUITECTURA DE LA VIDA*, Vision Libros, Madrid, 2010, p. 189

por naturaleza. Tenemos que poner en perspectiva la consulta filosófica como una actividad que tiene un objetivo, como una planificación que tiene como fundamento la felicidad del consultante⁹.

Dias enfatiza o rigor na definição de habilitações mínimas para o exercício da profissão; defende que os profissionais em exercício possuam um Livro de Reclamações e a sua prática seja regulamentada por um código deontológico na base de uma Ordem Profissional de Orientadores Filosóficos. Por conseguinte, exige a publicação em Decreto-Lei de um Estatuto Profissional, à semelhança de outros profissionais. Considera fundamental a formação prática do orientador filosófico. Assim sendo, propõe um programa de formação para uma licenciatura com especialização em Orientação Filosófica. Vemos a proposta curricular de Dias para uma licenciatura na seguinte página.

A relação entre o filósofo orientador e, a pessoa em consulta, faz-se através do diálogo filosófico; o modelo de consulta desenvolve-se portanto, na base da linguagem falada ao estilo socrático. O orientador deve, por isso, possuir competências de consulta: estabelecer cordialidade ao pensamento do consultante, promover uma escuta ativa e, a reflexão filosófica no consultante. Dias distingue as competências do consultor em competências de consulta e competências filosóficas.

Cuando hablamos del Asesor Filosófico, es esencial que consideremos su formación práctica, metodológica, tanto como sus competencias de consulta. Apesar de su carácter instrumental, las técnicas del asesor no serán útiles si no vehiculan las competencias filosóficas esenciales, encontrándose la utilidad de la consulta filosófica en su capacidad para hacer que el consultante piense sobre su vida, sus acciones, conceptos, sentimientos, creencias, proyectos y tantos otros aspectos significativos¹⁰.

⁹ Idem, p. 191

¹⁰ Ibidem, p. 155

| Primeiro Ano | Segundo Ano | Terceiro Ano |
|---|---|---|
| Primeiro Trimestre | Primeiro Trimestre | Primeiro Trimestre |
| História da Filosofia Prática I | Trabalho de projeto I | Trabalho de projeto III |
| Noções básicas de Consultoria Filosófica | História da Filosofia Prática II | Práticas de Consultoria Filosófica |
| Competências de consulta do Consultor Filosófico | Metodologias e técnicas de consulta filosófica individual II | Metodologias e técnicas de consulta filosófica individual III |
| Competências filosóficas do Consultor Filosófico | Questões de direito e fiscalidade em CF | Marketing e publicidade em Consultoria filosófica |
| Segundo Trimestre | Segundo Trimestre | Segundo Trimestre |
| Trabalho de Projeto I | Problemas filosóficos II | Práticas de Consultoria Filosófica II |
| Metodologias e técnicas de consulta filosófica individual I | Consultoria Filosófica nas organizações | Tecnologias aplicadas à Consultoria Filosófica |
| Deontologia do Consultor Filosófico | Trabalho de projeto II | Problemas filosóficos III |
| Questões empresariais em consulta filosófica | Filosofia Aplicada à formação | Trabalho final |

Figura 1- Estrutura disciplinar para uma Licenciatura em Orientação Filosófica (adaptado de Dias)

Elenca treze competências principais de consulta que o orientador filosófico deve possuir: saber receber; atenção: escutar valorando o discurso do consultante; formalidade (sem emitir juízos de valor); indicar o relevante; demonstrar compreensão (resumir usando as palavras do consultante), sintetizar (facilita o trabalho racional); procurar objetividade (levar o consultante à definição clara e rigorosa); realizar perguntas abertas (em via do desenvolvimento do assunto); realizar perguntas fechadas (procurando objetividade no discurso); confrontar (relacionar aspetos do discurso do

consultante em busca de incoerências); motivar (promovendo o discurso através de interjeições que mostrem receptividade); explicitar (demonstrar ao consultante os objetivos do trabalho realizado) e utilizar o silêncio (podem ajudar à reflexão mais profunda).

As competências filosóficas visam promover a reflexão filosófica no pensamento do consultante. Segundo Dias já em 1995 Ad Hoogendijk considerava serem seis as competências filosóficas essenciais: (1) análise conceptual, (2) reflexão entre redes conceptuais fundamentais, (3) pensamento crítico, (4) exame de pressupostos, (5) diálogo, (6) pensamento utópico.

A análise conceptual permite evidenciar através dos conceitos mais utilizados os problemas quotidianos do consultante; deve procurar-se, através desta competência, o sentido que o consultante atribui aos conceitos que utiliza. É, portanto, necessário usar a técnica de registo de modo a arquivar as definições principais do consultante. A reflexão sobre as redes conceptuais considera as visões de mundo do consultante. Exigirá a técnica de construção de mapas conceptuais de modo a evidenciar com clareza e inteligibilidade a rede de pensamento do consultante. Através da competência de pensamento crítico pretende-se a análise da verdade dos argumentos apresentados pelo consultante; a sua posição relativamente ao problema que coloca. Exame de pressupostos: o consultante tem sempre preconceitos que toma como relevantes para si mesmo. Cabe ao orientador filosófico analisar estas ideias prévias e evidenciar o rigor das suas articulações. Aqui é útil uma atitude formal que permita o distanciamento crítico fundamental para concretizar este trabalho.

Segundo Dias, Ad Hoogendijk considera que o pensamento do consultante pode revelar dimensões imaginativas em relação a ideias ou desejos, pelo que, cabe ao orientador filósofo, analisar esse material e enquadrá-lo na existência concreta da pessoa em consulta.

Para além destas competências, cita Tim Lebon que acrescenta àquelas competências gerais: (1) competência fenomenológica: compreensão dos acontecimentos e dos objetos tal como aparecem ao consultante e a sua experiência imediata; (2) pensamento criativo: competência de complemento ao pensamento crítico, por influência de Edward de Bono. Refere, também, o trabalho de Óscar Brenifier na área da Filosofia com Crianças que, de modo geral, apresenta competências no âmbito da conceptualização, dialética e problematização. Na obra de Brenifier sobre a prática filosófica podemos encontrar um contributo válido sobre a “ciência da pergunta”. Considera Dias que se trata de uma tarefa complexa para quem se inicia neste trabalho, pois que, estamos sempre no seio da questão sobre a “pergunta perfeita” para determinadas questões-problema. Brenifier apresenta cinco critérios para apreciar a qualidade de uma pergunta. Por exemplo, segundo Dias: “as perguntas que formulamos devem obrigar a pessoa a «dar à luz» novos conceitos”.

Mais importante do que competências gerais é as competências específicas, a saber: (1) relacionar a definição do consultante com a sua vida pessoal concreta e real, (2) relacionar as definições do consultante com teorias filosóficas sobre o mesmo tema, (3) confrontar o pensamento do consultante com definições distintas apresentadas sobre o mesmo tema, no processo de consulta, (4) solicitar a fundamentação das opiniões do consultante e (5) promover a análise do tópico filosófico com rigor. Sublinha Dias que estas competências são operacionalizadas ao longo dos diferentes níveis do método PROJECT@. Esta metodologia foi apresentada, pela primeira vez, em 2006, no IX Congresso Internacional de Prática Filosófica, em Carloforte – Itália. Elaborou-o com base em leituras sobre a existência humana, a felicidade, o amor, a vida, salientando duas influências fundamentais: *A Felicidade Humana* de Julián Marías e *Sete Cartas a um jovem filósofo* de Agostinho da Silva. Afirma: No caso

específico do método PROJECT@, quando aplicado na consulta filosófica individual, fundamenta-se na obra de Julián Marias e, também, no horizonte da felicidade pessoal do consultante.¹¹ Vejamos a síntese da prática filosófica de Dias no que concerne à metodologia:

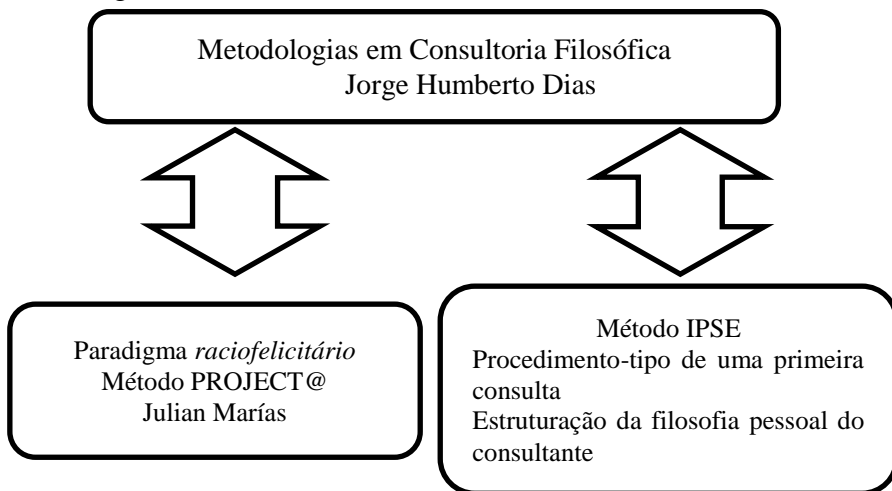


Figura 2 – Prática filosófica em Jorge Humberto Dias

A conceção metodológica de Dias não é uma praxiologia instrumental que uma leitura apressada pode, eventualmente, sugerir e que, poderia transformar-se, perigosamente, num processo burocrático de catalogação linear da vida da pessoa em consulta. Por outro lado, não é, ainda, qualquer coisa que se fundamente na empatia ou amizade entre filósofo e cliente e que faça, simplesmente, decorrer daí, a validade da ajuda prestada para a resolução do problema inicial. Ainda que, seja necessária a competência empática e simpatizante no orientador, ela não é, em

¹¹ DIAS, Jorge Humberto: *O contributo de Julián Mariás para uma teoria da filosofia aplicada à questão da felicidade*, tese de doutoramento, Faculdade Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2013, p. 297, no prelo

si, suficiente para o sucesso da consulta. Neste sentido, a consulta filosófica, pela sua intrínseca racionalidade, é um processo «dialógico» de cariz maiêutico que resgata a pessoa consultante à fragmentação dolorosa, inquietante e/ou errante e a re-coloca, através da orientação, no transcurso «felicitário» da sua vida. Dias entende por felicidade do cliente a sua autonomia, quer dizer, as normas que o indivíduo traça para si mesmo, para a sua vida em sociedade, são as pedras com que construirá ele próprio a sua morada felicitaria. Por conseguinte, a prática filosófica é um processo educativo que, necessariamente, transforma, porque instaura uma competência projetante que emerge da narrativa pessoal que *pré-ocupa* e se vai aprofundando, na experiência do filosofar, por via de determinadas técnicas e processos metodológicos. Quais são as implicações de relevar a felicidade como um fundamento da prática filosófica? Este fundamento implica considerar que o conceito de felicidade da pessoa consultante determina a sua filosofia de vida. Quer dizer, o modo como a pessoa vive, como organiza o seu quotidiano, o modo como se autoanalisa é determinante para a sua conceção de felicidade. Assim pois é, impreterivelmente, necessário compreender a filosofia de vida do consultante, para a projeção de si, nos projetos que concretiza.

Apresentamos em seguida uma síntese esquemática do Método PROJECT@:

1. Identificar Projetos na vida do consultante
2. Analisar a estrutura de um projeto
3. Relacionar o projeto com a vida do consultante (valores e sentido)
4. Reunir projetos e definir aplicações
5. Explorar a filosofia de vida do consultante
6. Comprovar a realidade e importância na filosofia de vida do consultante

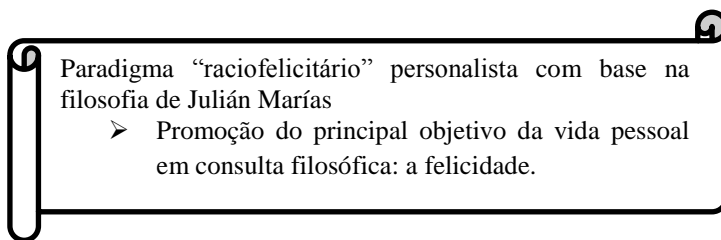


Figura 3 - Método PROJECT@ de Jorge Humberto Dias

Os seis níveis do Método PROJECT@ representam diferentes fases de trabalho filosófico para compreender o enquadramento do pensamento da pessoa consultante na sua própria filosofia de vida, estabelecendo conexão com os seus projetos e ajudando a solucionar o problema ou questão que o leva à consulta. “Projetar” pode ser visto como uma necessidade humana constituída por múltiplas dimensões: ontológicas, antropológicas, metafísicas, estéticas, éticas, sociais ou políticas que remetem a necessidades humanas que impelem a uma busca.¹²

Procuramos, em seguida, explorar o Método PROJECT@. O primeiro nível é o início da consulta filosófica, baseado num diálogo compreensivo que visa obter informações necessárias ao processo de orientação.

¹² DIAS, Jorge Humberto: “La Consulta Filosófica Según Jorge Dias”, en RASTROJO BARRIENTOS, José e DIAS, Jorge Humberto: *Ideya e Proyecto. LA ARQUITECTURA DE LA VIDA*, Vision Libros, Madrid, 2010, pp. 151-296

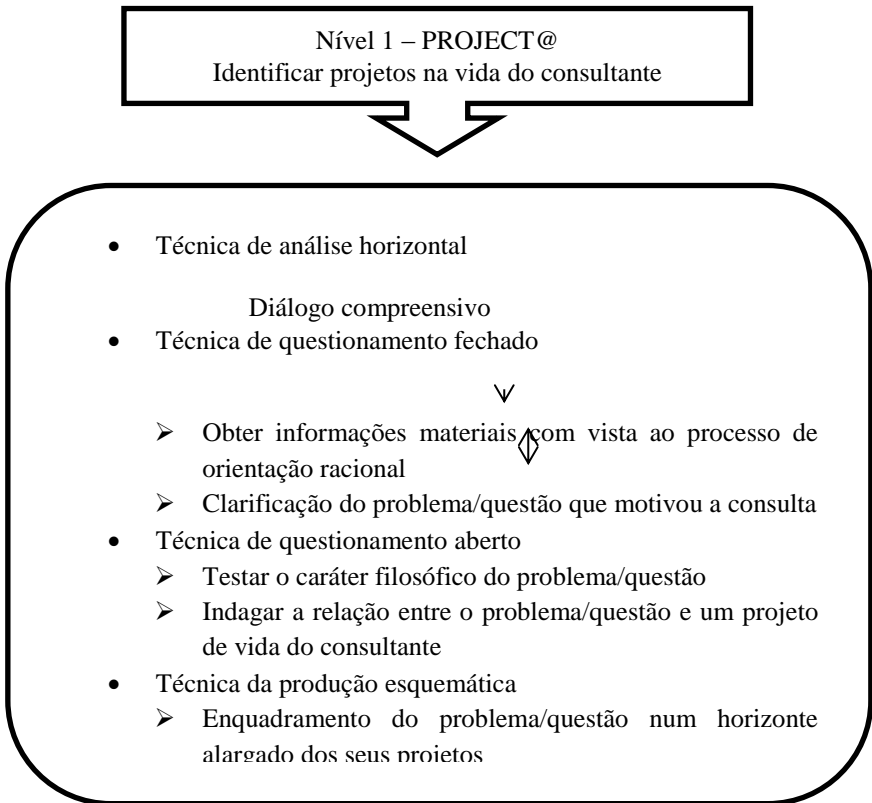


Figura 4 - Nível 1 - Método PROJECT@

Procura-se a clarificação do problema/questão, contextualizando o problema. A partir das dimensões filosóficas do problema/questão encontradas, deve procurar-se a existência de alguma relação entre este e um projeto de vida do consultante. Jorge Humberto Dias alerta para a possibilidade de estar aqui em causa a própria vida do consultante como projeto fundamental. Será preciso indagar sobre a interioridade da pessoa consultante, percebendo o que está em causa, aquilo que a move ou - *pro-jeta*-. Por conseguinte, o

consultor deve ter presente que a ação particular é sempre contextualizada, num projeto de vida, num sentido pessoal, conectada com a riqueza múltipla de outras ações. Será necessário isolar o problema/questão, porém, não se deter, estaticamente, nesse isolamento, pois que, o sujeito consultante é uma realidade global e globalizante, maior e mais profunda que aquele problema/questão concreto. Resulta deste aspeto um necessário enquadramento teórico com a teoria da complexidade de Edgar Morin, no sentido de um “complexo” como algo que é “tecido em conjunto” e que não se deixa apreender, simplesmente, pela verdade da parte.

O nível dois respeita à análise da estrutura do projeto. Permite a passagem ao nível seguinte de relacionamento do projeto com a vida da pessoa consultante, pelo que, exige atentar nas fases de elaboração, na dimensão temporal; indagar se o consultante possui alguma teoria sobre a vida e seus componentes, enfatizando estratégias que visem a sua felicidade.

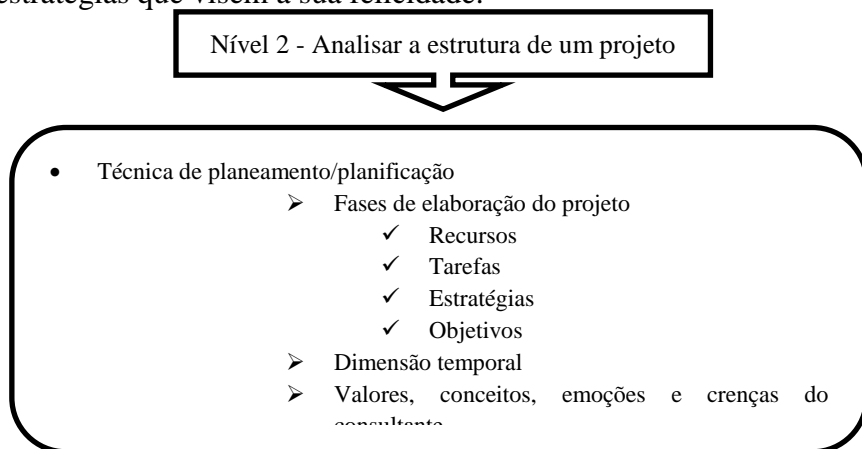


Figura 5 - Nível 2 - Método PROJECT@

O método PROJECT@ baseia-se numa estrutura formal e antropológicamente enquadrada. Afirmar que a vida è um projeto significa que o ser humano é um problema para si mesmo e, simultaneamente, a solução para esse problema que é (para si mesmo). Um ser que projeta continuamente e esse é o seu modo de ser aí: viver. Porém, a experiência do filosofar em consulta não é uma mera técnica de ajuda, mas uma ação teleológica, pois que, se constitui na procura da *ratio* do problema e, a partir dele, determina o sentido para a vida. Também não é apenas um processo de pensar a vida, mas antes um pensamento em ação que cria significados. Ainda que, muitos aspetos possam ficar por clarificar, o labor da orientação em consulta filosófica traduz-se num processo pleno de conexões e intersubjetividades livre e aberto, onde o filósofo se assume como orientador da reflexão e, nesse sentido, ajudando à clarificação e tomada de consciência e, nesta aceção, de alguma forma, ele é um educador: um investigador-reflexivo (no âmbito da consulta) que busca potenciar no consultante a possibilidade transformadora da filosofia. No nível 3 do método PROJECT@ relaciona-se o projeto com a vida do consultante.

Esta trajetória supõe uma abertura necessária para escutar o cliente, mesmo de modo inesperado. A atitude do orientador filosófico não pode ser dogmática, mas disposta à construção de um caminho reflexivo comum que possa contribuir para a autonomia da pessoa consultante; cuidando que não se transforme a consulta numa aplicação instrumental de procedimentos lógicos, pois que, ela impõe-se como meio através do qual se opera o crescimento racional do consultante. A orientação filosófica, sustentada na análise crítica dos projetos de vida do consultante foca, precisamente, a sua visão pessoal e concreta, muitas vezes, enclausurada num relativismo redutor e exclusivista que lhe causa um mal-estar, possível de ser eliminado pela amplitude que essa orientação promoverá. Por conseguinte, a experiência do filosofar labora com a cosmovisão do sujeito consultante, a forma como

entende o mundo; não é um processo que se formaliza com vista à mudança radical dos modos de vida do sujeito, é antes, um caminho dialógico de ensimesmamento aprofundado que visa a expansão amadurecida do consultante.

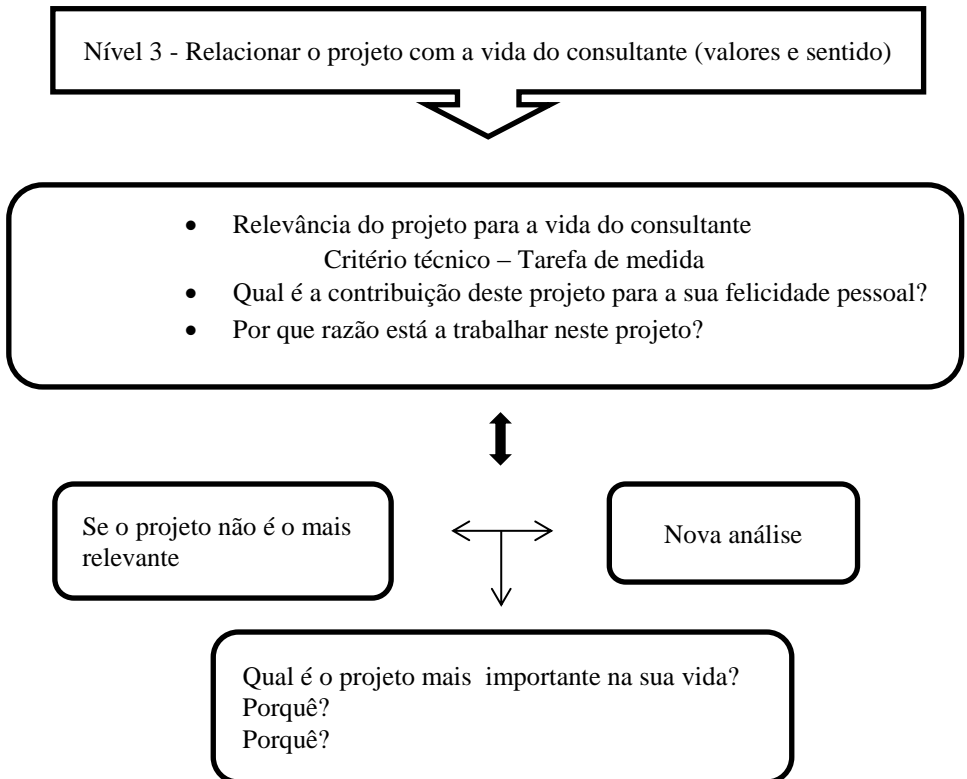


Figura 6 - Nível 4 – Método PROJECT@

Vejam os a síntese esquemática relativa ao nível 4 do método PROJECT@:

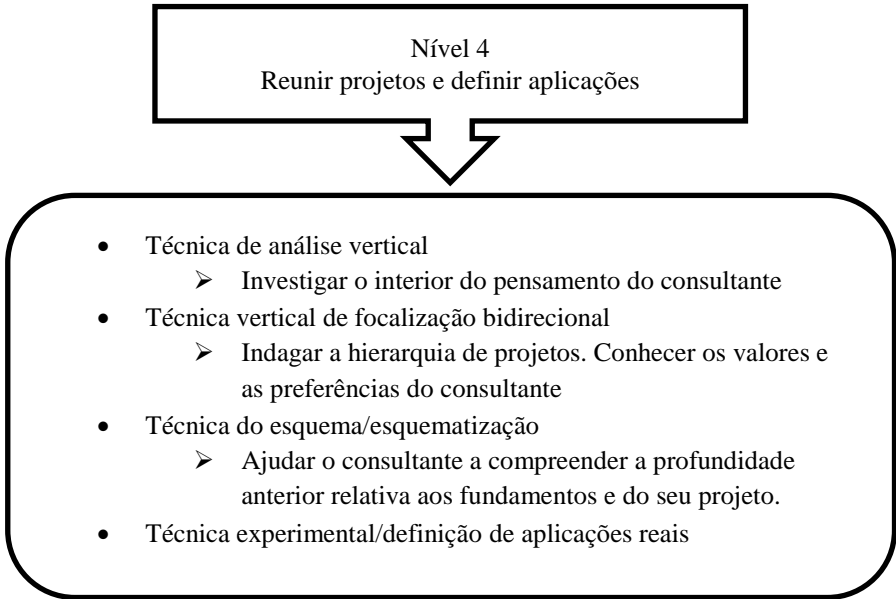


Figura 7 - Nível 4 – Método PROJECT@

Neste momento sabemos da hierarquia de projetos do consultante e, sendo o caso, já se fez uma nova análise de identificação dos projetos relevantes, pelo que, convém, agora desenvolver metodologia que permita reforçar a filosofia de vida do consultante. O último nível é semelhante ao terceiro, mas com maior grau de profundidade em termos de reflexão filosófica. Agora, o orientador conhece a filosofia de vida do cliente, pelo que, o trabalho racional é mais específico. Será possível dar continuidade a uma consulta anterior ou se necessário retornar à primeira etapa para trabalhar outro problema/questão. Atentese, em seguida, no nível 5.

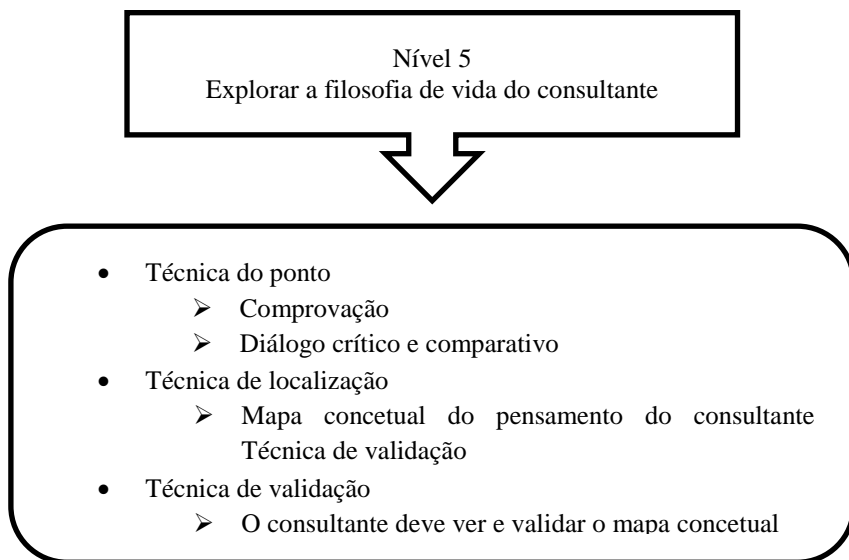


Figura 8 - Nível 5 – PROJECT@

Segue-se o nível 6:

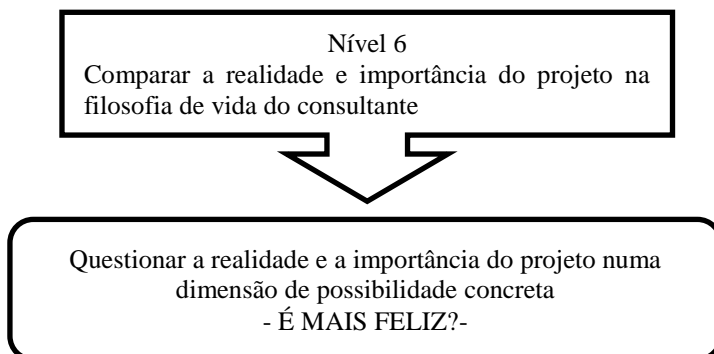


Figura 9 - Nível 6 – PROJECT@

O limite principal deste método está na relação que estabelece com a filosofia de vida do consultante. Dificilmente se pode aplicar a uma pessoa que não tem para si a vida como um projeto ou que não vê sentido na própria vida. Para superar esta limitação epistemológica e com o objetivo de desenvolver um método mais completo e útil para os problemas filosóficos, Dias criou o método IPSE. Esta metodologia baseia-se na ideia de autodescobrimento orientado por um consultor que não conhece, também, o caminho e, por isso, está ao mesmo nível que o consultante, mas possui certas competências e conhece muitos outros caminhos e aí radica a fecundidade desta aplicação metodológica.

Vejamos a síntese esquemática relativa ao método IPSE:

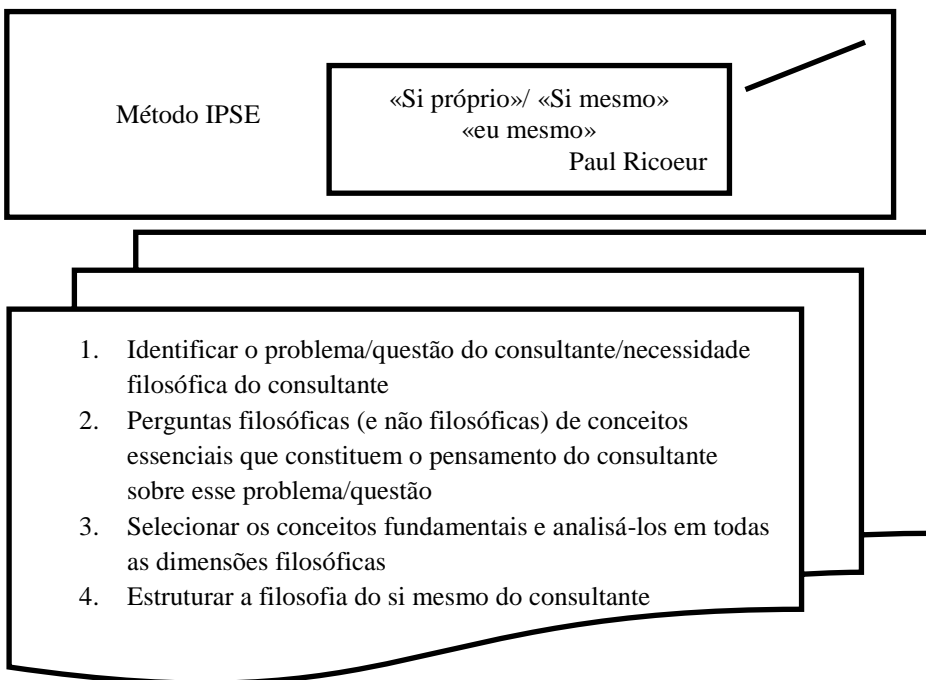


Figura 10 - Método IPSE de Jorge Humbererto Dias

O trabalho do consultor através deste método é dirigido ao *ipse*, ou seja, ao consultante visto como uma pessoa capaz de se comprometer com as suas próprias afirmações e responsabilidades. Remete, por isso, à noção de «agente» em Paul Ricouer. O Método PROJET@ é um trabalho de análise numa linha temporal e o Método IPSE apresenta-se como um trabalho interpretativo sobre a própria pessoa: “o «quem» do eu”. Qual é o objetivo do Método IPSE? O objetivo centra-se na possibilidade de desenvolvimento da filosofia de vida pessoal do consultante; na ideia de que possa estabelecer conexões conceptuais sólidas e coerentes entre as várias dimensões do pensamento pessoal. Uma das vantagens deste método, defende Dias, é a sua possibilidade de aplicação numa consulta de uma hora.

Desvios à Filosofia como matriz fundante na Orientação Filosófica

Consideramos desviantes todos os contributos que, nos métodos e nas competências, na orientação filosófica utilizem e/ou procurem explorar, sistematicamente, áreas do conhecimento fora do campo da própria filosofia para deles se servirem para uma fundamentação da teoria na orientação filosófica. Este entendimento não se encerra num postulado dogmático e, menos ainda, numa atitude de *naive* superioridade da Filosofia face às diferentes áreas do conhecimento; este entendimento diz a nossa crença na possibilidade de atender ao pensamento consciente, pela via de uma racionalidade filosófica com quase três mil anos de existência. Racionalidade esta que, pela sua própria natureza problematizante e problematizadora é antidogmática logo, aberta e questionante. Representa, também, o reconhecimento de não ser hoje possível refletir sobre problemas humanos sem os contributos que as ciências nos proporcionam, mas sobretudo, um compromisso pessoal de saber justificar as possibilidades da filosofia aplicada para relativizar e contextualizar o papel da ciência e da técnica para

a compreensão de um sentido humano de ser no mundo. Seguidamente vamos analisar dois contributos portugueses que consideramos desviantes à Filosofia como matriz fundante da prática filosófica em consulta.

Diniz Lobato¹³ terá sido o primeiro filósofo português a abrir uma consulta na Baixa de Lisboa, em 1989. O filósofo define o seu percurso assente na vontade de aplicar a filosofia como algo dinâmico, pelo que, segundo a sua própria narrativa, construiu um percurso baseado entre a Filosofia Antiga, enquanto arte de viver que contrasta, defende, com a filosofia moderna, reservada a especialistas. Afirma-se ligado à “Sabedoria chinesa” e conhecedor da Logoterapia de Viktor Frankl ou “Análise Existencial” de influência heideggeriana, bem como as linhas terapêuticas da Fenomenologia. Diniz Lobato afirma ter criado o consultório como uma “terapia alternativa”, interpretado como o “renascimento da antiga noção de Logos”. Os seus procedimentos metodológicos consistiam, num “modus operandi fluido” adaptado à pessoa, consoante a sua formação, o caso específico, os motivos e, desmontando processos mentais, interpretações da realidade.

Nos anos 90 o consultório de Diniz Lobato ganha projeção através de uma entrevista ao jornal Expresso num texto assinado por César Avó. Afirma Diniz Lobato que a exposição lhe valeu o confronto com psicólogos e psicanalistas que o advertiram acerca dos perigos em usar a Filosofia para os fins a que se propunha. Em 2002 deslocou o consultório para a Rua do Salitre onde permaneceu um ano. No ano de 2003 aplica os mesmos princípios da consulta filosófica num colégio particular na Vila de Azeitão, distrito de Setúbal, apoiando alunos e pais. Aí lecionou Filosofia para Crianças sem qualquer relação à teorização de M. Lipman. Entre 2004 e 2006 regressa a Cascais, onde retoma a Consulta

¹³ LOBATO, Diniz: “Consultório de Filosofia”, disponível online em http://issuu.com/filosofalando/docs/filosofalando_01 (último acesso em 28 de março de 2014)

Filosófica. Desde 2006 possui um Consultório Filosófico em Oeiras, distrito de Lisboa e disponibiliza, também, consultas ao domicílio.

A prática de Diniz Lobato parece descentrar a matriz filosófica que reconhecemos à Filosofia Prática. Assim, na nossa perspectiva, centralizadora da Filosofia como *alma mater* da Orientação Filosófica, o contributo de Diniz Lobato, sendo original na sua contemporaneidade, afigura-se-nos como marginal face à Filosofia como núcleo fundante na prática de Orientação Filosófica.

Na Universidade de Coimbra, Filipe M. Menezes possui uma consulta filosófica gratuita¹⁴ com propósitos de investigação empírica, porém sem resultados públicos até ao momento. Menezes defende num artigo¹⁵ recente aquilo que designa por “A “anti-teoria” do chamado “aconselhamento filosófico””.

Afirma o autor:

Na sua autonarrativa, o “aconselhamento filosófico” apresenta-se como nascido em contraposição a um excesso de teorização da Filosofia e grande parte da sua produção literária deixa transparecer a aspiração de uma prática filosófica capaz de se libertar desse excesso para mirar directamente o mundo, a sociedade, as pessoas e, assim, apreender os seus mais ingentes problemas, com o duplo objectivo de sobre eles intervir e de preparar os indivíduos e a sociedade para uma “atitude filosófica” em relação aos seus males¹⁶

A partir desta visão acerca da génese do “aconselhamento filosófico”, Menezes propõe-se reconstruir aquilo que designa por “teoria implícita” para que venha a ser possível avaliar uma técnica de ajuda filosófica independente dos pontos de vista dos autores.

¹⁴ Veja-se a página da internet <http://viafilosofia.blogspot.pt/> (último acesso maio 2014)

¹⁵ MENEZES, Filipe M. : “A “anti-teoria” do chamado “aconselhamento filosófico””, em *Leituras da Sociedade Moderna. Media, Política e Sentido*, 1ª Edição, Coimbra, 2013, Págs. 205-222

¹⁶ Idem, Pág. 206

Menezes defende que se tem pretendido fundar a consulta filosófica “sobre o que de modo nenhum pode ser observado”:

tem-se pretendido fundar a “consulta de Filosofia” como encontro dual entre sujeitos realizando um exercício de racionalidade em que um ajuda o outro a descobrir a sua verdadeira verdade e a tornar-se autónomo como agente de uma vida autêntica. Ou seja, tem-se pretendido fundá-la sobre o que de modo nenhum pode ser observado¹⁷

Na nossa análise, Menezes sustenta a sua argumentação em dois elementos chave que nos parecem, intencionalmente, movidos para ancorar a orientação filosófica numa matriz marginal à própria Filosofia: (1) o conceito de “mal-estar” como origem do “Aconselhamento Filosófico” e (2) a impossibilidade da experiência do filosofar, independente, da análise psicológica. Ainda que, ao longo do seu texto, não defina, com rigor e clareza, o conceito de “mal-estar”, sustenta que o “Aconselhamento Filosófico” padece de uma desatenção das “possibilidades de observação de tudo quanto apenas se pode dar na linguagem, em circuitos de comunicação baseados na linguagem”. Neste seguimento, acrescenta:

jamais são questionadas as possibilidades de o indivíduo coincidir consigo mesmo nas histórias que de si é capaz de dar, assume-se a sua unidade e identidade como algo incontestável. Tal identificação tácita entre história e biografia é estabelecida num plano ideativo em que não é reconhecido qualquer papel ao aparelho psíquico e de que o corpo está completamente ausente¹⁸

Assim se funda, defende Menezes, a consulta filosófica, numa “perspectiva factícia”, porque se elabora na convicção da total transparência entre as palavras e as coisas e no “desprezo pelo psiquismo e pelas ciências que se lhe dedicam torna-se

¹⁷ Ibidem

¹⁸ Ibidem

particularmente áspero quando a assunto é a psicanálise. Ora, se “o indivíduo não pode encontrar-se a si mesmo por meio da reflexão racional”, em última análise, resultaria desta incursão de Menezes a transmutação do filosofar numa mera técnica ao serviço de um processo terapêutico psicológico; a jusante toda a experiência do filosofar padeceria de uma falta de sentido que teríamos de procurar num alicerce psicológico, sob pena de ser a atividade do filósofo um *non sense*.

Menezes parece recusar o clássico exemplo de Ran Lahav, sobre a possibilidade de compreendermos o jogo de xadrez, pela interpretação e análise das jogadas, sem recorrermos, necessariamente, à análise da mente dos jogadores. Ou seja: a recusa da consulta filosófica como lugar de experiência do filosofar consciente entre duas pessoas. Uma que tem um problema que só pode ser apreendido no contexto total da sua história de vida – para isso é preciso que se narre – e, outra, que a orienta utilizando a Filosofia para a compreensão dessa biografia que é a sua e de ninguém mais. Por contraponto afirma ser estranho o “desprezo pelo psiquismo” subjacente ao “Aconselhamento Filosófico”:

sem qualquer menção às reflexões psicanalíticas sobre o assunto, quando, na verdade. Desde Sigmund Freud e, em particular com Jacques Lacan, o tema da “alienação do sujeito” foi efectivamente central, tendo sido desenvolvida a noção de que apenas o vencimento da resistência que está na base da convicção da unidade e da identidade da subjectividade pode conduzir à definição de um processo terapêutico¹⁹

Com efeito, se o propósito do autor consiste na definição de uma “técnica de ajuda filosófica”, haverá um procedimento metodológico que lhe sirva de sustentáculo e, por seu turno, uma teoria que a enquadre. Ou: tratar-se-á de uma “técnica de ajuda filosófica” desmembrada? Ou: uma técnica ajustada para

¹⁹ Ibidem

subalternizar a orientação filosófica ao “inconsciente psicanalítico”, pois que, segundo Menezes, não pode compreender-se a filosofia de vida do consultante na sua discursividade consciente?

Esta discussão ganharia, certamente, se enriquecida na sua aproximação, por exemplo, à filosofia da mente que não cabe agora nos objetivos deste nosso trabalho. Porquanto, no seio concetual da filosofia aplicada encontramos posições claras que elucidam sobre a natureza da racionalidade filosófica na sua aplicabilidade aos problemas concretos das pessoas e que superam essa mirada como simples técnica. Quer dizer: a Filosofia (aplicada) não se nos afigura no movimento nacional e internacional como “técnica de ajuda”. Mas como um *corpus* milenar que se defende ser útil em múltiplas aplicações, sendo a orientação filosófica individual uma dessas aplicações. Nessa razão de aplicação debate-se, por um lado, a necessidade de uma teoria específica que justifique os procedimentos metodológicos, nas competências do filósofo orientador e, nos métodos, que se operacionalizam por via de determinadas técnicas. A orientação filosófica não é uma técnica, mas antes a promoção no pensamento da pessoa consultante aquilo que os filósofos fazem e, o que os filósofos fazem é filosofar: discutem ideias, problemas, teorias, concepções de vida, apresentam, defendem ou contra argumentam. Por isso, a experiência do filosofar em consulta, não se compromete com a normalização do indivíduo, mas antes com a sua filosofia pessoal de vida.

Vejamos alguns exemplos do debate epistemológico internacional que mostram, claramente, não ser a prática filosófica uma simples “técnica de ajuda”. Roger Paden, por exemplo, numa análise da orientação filosófica, por analogia a outras profissões de ajuda, diferencia filósofos de psicoterapeutas. Para Paden, a orientação filosófica não se compromete com a “doença mental”, não se baseia num “modelo médico” e rejeita a “saúde” como normativo ideal. Desta feita, não trata “desvios” nem coloca os

clientes num determinado nível de normalidade. Não é, portanto, como afirma Diniz Lobato uma “terapia alternativa”, ainda que, no processo de racionalidade clarificadora dos problemas do cliente possa o filósofo atender a determinadas técnicas de análise, auto-reflexão e discussão. Paden defende que o orientador filosófico não pode, em verdade, reivindicar senão estas técnicas que se enquadram já na prática da filosofia tradicional. O fazer filosófico em matéria de racionalidade, procura o entendimento das crenças (irracionais), não prescruta processos internos psicológicos, nem trata problemas mentais.

Ran Lahav defende que ao orientador filosófico compete oferecer ferramentas de pensamento, mas o crescimento filosófico do indivíduo, faz-se a partir dele próprio, sem imposição de qualquer solução pré-concebida. Por analogia à metáfora da parteira em Sócrates diríamos que o conselheiro/consultor filosófico ajuda a “dar à luz”, à compreensão do “problema em si”. A investigação fenomenológica filosófica pode contribuir, segundo Lahav, por um lado, para a compreensão do problema em si e, por outro, para a produção de “insights” sobre o assunto, dotando o cliente de ferramentas que possam ajudar à articulação e expressão da sua realidade fenoménica. A orientação filosófica parte do mundo vivido do consultante e procura analisar as suas crenças, principalmente, aquelas que tem como certas para si e, em relação ao mundo, visando o aprofundamento crítico e expansão da sua visão de mundo. Por conseguinte, o conselheiro/consultor/orientador filosófico centra-se na superfície – o fenómeno – na conceção do si mesmo e do mundo do consultante e não na busca duma causalidade psicológica remota e oculta nas profundezas do inconsciente.

A visão de mundo é a “teoria” que a pessoa expressa sobre si e o mundo, sobre aquilo que a vida é, a moralidade, as relações interpessoais etc. Não se trata de um estado psicológico, consciente ou inconsciente, mas uma noção interpretativa; um modo de

classificação, organização e atribuição de significado. Neste sentido, o papel do conselheiro/consultor/orientador é ajudar a pessoa a interpretar-se, a compreender a sua própria estrutura e implicações das suas visões de mundo, detetar incoerências, questionar, observar a problemática e formular alternativas possíveis. Vejamos esta aceção na visão de José Barrientos Rastrojo:

Processo de conceptualização e/ou clarificação acerca de questões relevantes (significativas e /ou essenciais) para o consultante cujo objetivo é a melhoria do ato efetivo de pensamento e consecução de depuração de conteúdos verdadeiros e cujo resultado costuma ser o bem-estar do indivíduo.²⁰

De forma geral a orientação filosófica na teorização de Barrientos contempla duas dimensões: (1) A materialidade com os conteúdos e sua formalidade e (2) a disposição que compreende: amizade; investigação comum; fenomenologia; abertura ao inesperado.

Ao propor o modelo do ensaio filosófico como método para a filosofia aplicada à pessoa, Barrientos afirma que este promove um labor cujo eixo é o de filosofar, pensar e re-flexionar sobre um assunto. Por conseguinte, o ensaio e a consulta coincidem em (1) propósito e (2) meios e, em grande medida (3) com o processo. Tanto num como noutro, trata-se de aprofundar conteúdos, analisá-los, clarificá-los e alcançar uma visão mais ampla que pode induzir a uma resposta concreta. O objectivo geral do método é a ampliação do caudal e/ou clarificação de conhecimentos infundidos num espírito de aprofundamento graças à «sim-patia» com o consultante. Para quê? Para a criação de uma vida mais profunda, livre, crítica e autónoma do consultante. O método exige

²⁰ BARRIENTOS RASTROJO, José: “La Orientación Filosófica Según José Barrientos”, en BARRIENTOS RASTROJO, José e DIAS, Jorge Humberto: *Idea y Proyecto. La arquitectura de la vida*, Vision Libros, Madrid, 2010, pp. 23-150.

compromisso, uma parcela de dedicação diária e, se for aplicado com outra pessoa, um mínimo de seriedade.

Barrientos apresenta o modelo do ensaio filosófico em três dimensões, ao longo de três grandes capítulos do livro *Idea y Proyecto*. No capítulo dedicado à materialidade do modelo, desenvolve uma reflexão sobre os conteúdos do método, caracterizando as diferentes etapas do ponto de vista da relevância filosófica na orientação. O modelo formaliza-se através da teoria do pensamento crítico: "Critical Thinking". Segundo Robert Ennis como uma teoria que nos ajuda a decidir e a pensar o que fazer. O conteúdo material do método de Barrientos, segundo o modelo do ensaio filosófico, aplicado à pessoa consiste num procedimento que se desenrola por quatro fases, a saber: (1) compreensão e escuta, (2) aprofundamento e expansão, (3) avaliação e conclusão e (4) o feedback vital.

Barrientos elabora uma reflexão sobre a importância da "escuta" a partir da teorização de Peter Raabe e do Grupo E.T.O.R., desde as diferenças significativas entre um mero "ouvir" à semântica essencial do "escutar". Escutar requer "sair de si", "abandonar-se" para se deixar inundar pelo pensamento do consultante. Como no conto árabe das Mil e Uma Noites, o Príncipe deixa-se penetrar (chegar ao íntimo) pelo ouvido, pela narrativa de Scheherazade e daí resulta uma empatia (entre ambos). A escuta será, portanto, um «pathos» imprescindível à compreensão do outro. A escuta do orientador, afirma, não deve ser uma pseudoescuta que ouve um discurso somente para falar depois; também não deve ser uma escuta focalizada, intencionalmente, naqueles pontos que interessam ao orientador; convém que não seja uma escuta seletiva que põe de parte aqueles elementos que se julga não serem importantes. E, não deve ser uma escuta defensiva, no sentido em que o orientador escuta o discurso do cliente como um ataque a si próprio. E, por fim, também, não deve ser uma

escuta insensível em que se toma o que se disse, somente no sentido literal.

A compreensão e a escuta na orientação filosófica têm os seguintes propósitos: descobrir a questão ou assunto “real”; destacar os conceitos e termos essenciais implicados; assinalar o marco filosófico pessoal do consultante e o autoconhecimento do consultante desde o assunto que o «pré-ocupa». O primeiro momento da escuta consiste na promoção da palavra precisa: trata-se de patrocinar o discurso do consultante evitando digressões e circunloquios desnecessários. Ou seja: criar-se uma ideia mais completa possível da situação. Barrientos Rastrojo enuncia algumas técnicas de escuta: (1) análise por meio dos “Q” (Que foi?, Quando foi?...); (2) estudo de situações desproporcionadas do passado (relacionadas ou não com o foco do problema); (3) analogias experienciais correlacionadas; (4) analogias vitais e (5) relato autobiográfico. Em seguida, destaca-se a importância de entender o significado das palavras usadas pela pessoa em consulta. O orientador deve atender mais à semântica subjetiva do que ao significado e sentido literal dos conceitos e termos. Barrientos releva a importância de "picos vivenciais linguísticos" que podem contemplar uma espécie de "acidentes geográficos linguísticos". A metáfora remete a alterações na linguagem mediada pela emoção próxima ou distante ao centro do sujeito. Neste sentido, o orientador deve atentar a todas as mudanças na paisagem linguística do consultante quando o discurso se vincula com a vida própria do sujeito. Distingue entre "palavras cofre" e palavras filosóficas. As primeiras são o próprio discurso da pessoa que deve expressar-se na sua própria linguagem, com confiança e liberdade que deve resultar da intimidade da relação dialógica num espírito de amizade. As palavras filosóficas exigem que o orientador possua conhecimento profundo das teorias filosóficas mais vinculadas à vida. A sua utilização no discurso do consultante encerra sentidos e significados que não podem deixar de ser desocultados pelo

orientado. Com efeito, defende Barrientos não existir um mundo de branca assepsia, porque o olho lhe dá a coloração e esse olhar determina o curso da nossa ação. Assim, ao orientador interessará compreender não “a realidade”, mas antes “a realidade minha”, a representação pessoal e individual do consultante.

O caminho da orientação filosófica é o de dar um passo atrás para se acercar do autoconhecimento do consultante, não tanto para operar mudanças na direcção idiossincrática, no “olhar” pessoal, antes para descobrir o que esse olhar diz acerca do seu possuidor. Desta feita, a orientação filosófica busca a compreensão do “si mesmo” do consultante, através das suas representações. Assim, a filosofia assume-se como factor de aprendizagem e, como elemento cuidador, porquanto auxilia/ajuda à compreensão precisa. Aprender o “olhar” da ação é fundamental, porque aquilo que vemos e pensamos determina o que fazemos. O labor do orientador consiste em alcançar as re-presentações, a partir das ações do consultante.

Por conseguinte, o aprofundamento expansivo faz-se em espiral ao redor da questão. Cabe ao orientador fomentar a ampliação do cliente. Será necessário sucessivos momentos de reflexão e, por isso, o método deve adquirir a forma de uma espiral. Em Barrientos a teoria da espiralidade sustenta o aprofundamento e a expansão com o objetivo de alcançar as “palavras cofre” e as palavras filosóficas. A teoria da espiralidade que sustenta o aprofundamento do “olhar” e das ações compreende a complexidade do próprio conceito “espiral”, porque cada um dos conceitos radiais (da espiral) podem supor subespirais. A teoria da espiralidade assume um duplo desafio: (1) aprofundamento progressivo em cada conceito e (2) transito ao foco comum, o eu acoplado à situação presente. Após alcançadas as “palavras cofre” e filosóficas se procure apreender o seu significado, ampliando-o. Para este efeito, sugere a utilização de dicionários de sinónimos, semânticos e etimológicos. As palavras em uso adquirem o

significado e sentido de um discurso próprio. O orientador deve promover uma atividade de hipertextualidade, visto que, existem conexões entre os conceitos, um pode levar-nos a outro e este a um terceiro; esta ação fomenta a semântica das palavras nos seus múltiplos sentidos e, sugere a abertura do sujeito em consulta que pode encontrar-se encerrado na cláusura das suas visões restritas. Assume, portanto, a forma do pensamento crítico. A técnica de análise linguística, através do uso de dicionários converte-se, assim, num exercício revelador das "palavras cofre" e filosóficas que podem, deste modo, ser confrontadas com outros significados e sentidos. Uma alternativa ao uso de dicionários, sugere Barrientos, é o uso de imagens. Os conceitos devem ser analisados, filosoficamente, pois que, a filosofia permite a abertura intelectual que vai além dos possíveis âmbitos existenciais no sentido do aprofundamento metafísico. Para Barrientos, a orientação filosófica não é uma teorização sobre a vida, é um cuidar reflexivo acerca da anatomia dessa mesma vida, através dos conceitos vertebrais com os quais se estrutura. O seu objetivo é fomentar a consciência do vivido e promover uma vida reflexionada/examinada. A analogia metodológica ao ensaio filosófico acrescenta um novo elemento que o ensaio filosófico, propriamente, dito não comporta: a fase de retroalimentação vital. O ensaio filosófico terminaria quando se fez a crítica de todas as soluções alternativas. Para o consultante não é suficiente uma análise abstrata e ideal, precisa de um contraste fáctico do ideal com o real.

Neste sentido, quando o consultante, coloca um dilema quando é que termina a consulta? A consulta termina, afirma Barrientos, no momento em que se localiza a "melhor alternativa". Não será necessário viver a vida com filosofia, mas a sua presença trará um valor primordial a essa vida. Há que dar ganas de viver à vida, sublinha Barriento, para que que a *filo- sofia* nos leve, a níveis de verdade cada vez mais profundos da realidade circundante.

Considerações finais

Neste artigo procurámos caracterizar o panorama da orientação filosófica em Portugal, afim de sustentar nele a nossa investigação futura. Com uma existência de dez anos, há nele uma evidente assimetria; em geral, não se afirmou como resposta, socialmente, reconhecida nem legitimou o seu espaço nuclear na própria Filosofia. Em particular, é claro o percurso profissional e académico de Jorge Humberto Dias que procurou, primeiro, a legitimação por via do associativismo profissional e, em seguida, desenvolveu um processo de investigação académico que culmina na proposta de fundamentação teórica na filosofia de Julián Márias. A partir deste contexto, propomo-nos desenvolver uma investigação enquadrada, academicamente, que aproxime a Filosofia Aplicada à Formação Profissional de Professores e responda à seguinte questão:

- Como é que a Filosofia Aplicada na sua especificidade, nos métodos e nas competências, na Orientação Filosófica, pode proporcionar a todo/a o/a professor/a a experiência do filosofar, de modo a que se profile como profissional autêntico/a ao longo de toda a vida?

Orientada para a concretização dos seguintes objetivos gerais:

- Propor a Filosofia Aplicada como arquétipo de competências e processos metodológicos na Orientação Filosófica, no campo da Formação Profissional de Professores.

- Definir um programa disciplinar que explore a dimensão existencial da orientação pedagógica e profissional de adultos.

O nosso propósito mais amplo consiste na exploração da dimensão existencial da orientação pedagógica e profissional de adultos na sua consideração à formação e desenvolvimento profissional de professores do ensino básico e secundário. As respostas à pergunta sobre o que, efetivamente, se faz numa consulta de filosofia, como vimos na secção anterior, podem não ser unívocas. Porém, das

conceções que apresentámos é possível reconhecer elementos comuns: atender, escutar, questionar, compreender, interpretar, aprofundar, refletir, consciencializar, são elementos e técnicas que se movem no encontro dialógico na prática filosófica. Conclusão similar obteve Peter Harteloh num estudo que empreendeu sobre as competências de orientadores filosóficos. Nesse estudo, os orientadores entrevistados mencionaram: atenção, ouvir, questionar, interpretar, compreender e a reflexão como ferramentas comuns no diálogo em consulta filosófica. Qualquer uma destas ferramentas pode ser reconhecida, sublinha Harteloh, como elemento de uma conversação, sem que se lhe reconheça especificidade filosófica. Contudo, sublinha Harteloh, na prática filosófica, cada um desses elementos concorre para uma ênfase filosófica. Por exemplo, ouvir, questionar e interpretar não servem somente à manutenção de uma conversa; baseiam-se na tradição filosófica e possuem em contexto de consulta uma aplicação filosófica. Por conseguinte, é a ênfase nessa tradição filosófica que determina as competências do orientador. Assim sendo, não podemos falar das competências do orientador, sem falarmos dos conteúdos filosóficos. Daqui resulta ser condição necessária o sólido domínio dos problemas, teorias e argumentos da história da filosofia. Harteloh destaca três competências básicas para a prática filosófica: a técnica de interrogar; a arte de interpretar; a arte de compreender. O “fazer” do orientador filosófico consiste em questionar e interpretar afim de compreender a vida da pessoa consultante. Segundo, Harteloh, os orientadores filosóficos realizam a potencialidade, no quadro teórico de Aristóteles, na prática. Assim, diferentes estilos de prática emergem, tanto quanto acentuam mais ou menos uma das três competências básicas. Harteloh exemplifica: o radical questionamento de Oscar Brenifier; o estilo interpretativo de Marinoff e a compreensão de vida de Achenbach.

Na linha da investigação que nos propomos levar a cabo, Finn Thorbjørn Hansen sugere que a formação profissional não atenda somente à profissão atual, mas inclua a vida pessoal do profissional, bem como os seus valores pessoais, numa perspectiva holística, pois é com eles que a profissão se exerce, se tomam decisões, se age no quotidiano. Trata-se de um “espaço para a autenticidade”, definida como um “agir de acordo com os nossos valores pessoais” que não descarna a pessoa do profissional.

Finn Thorbjørn Hansen refere o “aprender a ser”(Learning to be) como competência em falta na aprendizagem ao longo da vida (Lifelong Learning). Hansen considera demasiado instrumental a abordagem da OCDE quando concebe e promove a aprendizagem ao longo da vida. Acrescenta a necessidade de uma formação alargada, onde a orientação filosófica tenha um importante contributo, pois que, uma pedagogia de adultos vai além da mera aquisição de conhecimentos por via de mais experiência profissional. Uma pedagogia de adultos tem de ser considerada um problema existencial fundamental, onde a orientação filosófica poderá assumir-se como forma crítica de apreensão dessa dimensão existencial e de valores no complexo processo de aprendizagem. Hansen sugere que a formação profissional não atenda somente à profissão atual mas inclua a vida pessoal do profissional, bem como os seus valores pessoais, numa perspectiva holística, pois é com eles que a profissão se exerce, se tomam decisões, se age no quotidiano. Trata-se de um “espaço para a autenticidade”, definida como um “agir de acordo com os nossos valores pessoais”.

Para Dias, como observámos, as competências filosóficas têm como principal objetivo a promoção da reflexão filosófica no pensamento do consultante. Ora, há de ser aqui que se poderá enraizar um programa de formação profissional para professores, afim de proporcionar essa assunção de modo tal que o fazer profissional do professor seja potencialidade, atendendo ao que Julián Márias designa, segundo Dias, por competências como

“técnicas vitais”. Neste sentido, a teorização de Dias sobre consulta filosófica fornece um elemento chave para o propósito da nossa investigação que poderá assumir-se como elemento formativo essencial, a saber: a competência projetante. Deste modo, pretendemos alargar o perfil do orientador filosófico, sustentando a pertinência da sua assunção como orientador profissional.

Com toda a certeza será esta aplicação da filosofia que assumimos como projeto pessoal e profissional de investigação.

Referencias bibliográficas

BARRIENTOS, J. & DIAS, J. (2010). *Idea y Proyecto. La Arquitectura de la Vida*. Madrid: Visión Libros.

DIAS, J. (2006). *Pensar bem, viver melhor – A filosofia aplicada à vida*. Ésquilo : Lisboa.

_ Org (2006). *Actas do I Encontro Português de Filosofia Prática*. Associação Portuguesa de Aconselhamento Ético e Filosófico (APAEF): Lisboa.

_ Org (2008). *Encontros Portugueses de Filosofia Aplicada*. Associação Portuguesa de Aconselhamento Ético e Filosófico (APAEF): Lisboa.

_ (2008). *La Felicidad como Objetivo de la Filosofia Aplicada a la Persona*. BARRIENTOS, J. (ed). *Seminario Luso-español de Filosofia Aplicada a la Persona y a Grupos*. Edicions DOSS: Sevilla.

_ (2013). *O contributo de Julián Marías para uma teoria da filosofia aplicada à questão da felicidade* (Tese de doutoramento). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH). Universidade Nova : Lisboa

HANSEN, Finn Thorbjørn (2005). “A dimensão existencial da orientação pedagógica e profissional – quando a orientação se torna

uma prática filosófica”, *Revista Europeia Formação Profissional*, 34, 55-68

HARTELOH, Peter (2010). *On the Competence of Philosophical Counsellors*. *Practical Philosophy*, 10:1, (web edition, 2011)

LOBATO, D. (2014) . Consultório de Filosofia. *FiLOSOfalando, Revista Portuguesa de Filosofia Aplicada* , disponível online em http://issuu.com/filosofalando/docs/filosofalando_01 (último acesso em 28 de março de 2014).

MENEZES, F. M. (2013). A “anti-teoria” do chamado “aconselhamento filosófico”. *Revista LEITURAS DA SOCIEDADE MODERNA MEDIA, POLÍTICA, SENTIDO*, 1, 205-222

PADEN, Roger (1998). *Defining Philosophical Counseling*. *International Journal of Applied Philosophy*, 12, 1-17

